

# outra travessia

Revista de Literatura nº 27

Ilha de Santa Catarina 1º semestre de 2019

## Arquipélago

Editores

Artur de Vargas Giorgi

Bairon Vélez Escallón

Flávia Scóz

Rafael Miguel Alonso

Ricardo Gaiotto de Moraes

Sabrina Alvernaz

**Programa de Pós-Graduação em Literatura**  
Universidade Federal de Santa Catarina

## **Ficha Técnica**

### **Capa:**

*Meu coração*, 2013 de Artur de Vargas Giorgi/ arte gráfica Flávia Scóz

### **Catálogo**

ISSN: 0101-9570

eISSN: 2176-8552

### **Editores:**

Artur de Vargas Giorgi/ Bairon Vélez Escallón/ Flávia Scóz/ Rafael Alonso/  
Ricardo Gaiotto de Moraes/ Sabrina Alvernaz

### **Editoração:**

Flávia Scóz

### **Revisão:**

Sabrina Alvernaz / Viviane da Silva Vieira

### **Conselho Consultivo:**

Adriana Rodríguez Pérsico (Universidad de Buenos Aires, Argentina)

Ana Cecília Olmos (Universidade de São Paulo, Brasil)

Ana Luiza Andrade (Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil)

Ana Porrúa (Universidad Nacional de Mar del Plata, Argentina)

Antônio Carlos Santos (Universidade do Sul de Santa Catarina, Brasil)

Artur de Vargas Giorgi (Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil)

Celia Pedrosa (Universidade Federal Fluminense, Brasil)

Daniel Link (Universidad de Buenos Aires/ Universidad Nacional de Tres de Febrero, Argentina)

Emanuele Coccia (École des Hautes Études en Sciences Sociales, França)

Ettore Finazzi-Agrò (Sapienza Università di Roma, Itália)

Fabián Ludueña Romandini (Universidad de Buenos Aires, Argentina)

Flora Sússekind (Fundação Casa de Rui Barbosa, Brasil)

Florencia Garramuño (Universidad de San Andres, Argentina)

Francisco Foot-Hardman (Universidade Estadual de Campinas, Brasil)

Gabriela Nouzeilles (Princeton University, Estados Unidos)

Gema Areta (Universidad de Sevilla, Espanha)

Ivia Alves (Universidade Federal da Bahia, Brasil)

Jair Tadeu da Fonseca (Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil)

Liliana Reales (Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil)

Luciana di Leone (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil)

Luz Rodríguez Carranza (Universidad de Leiden, Holanda)

Marcos Siscar (Universidade Estadual de Campinas, Brasil)

Maria Aparecida Barbosa (Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil)

Maria Augusta Fonseca (Universidade de São Paulo, Brasil)

Maria Esther Maciel (Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil)

María Gabriela Milone (Universidad Nacional de Córdoba, Argentina)

Mario Cámara (Universidad de Buenos Aires, Argentina)

Raul Antelo (Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil)

Rita Lenira Bittencourt (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil)

Roberto Vecchi (Università di Bologna, Itália)

Sabrina Sedlmayer Pinto (Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil)

Susana Scramim (Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil)

Wander Melo Miranda (Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil)

Wladimir Garcia (Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil)

# Arquipélago

Em 1929, as inevitáveis antinomias entre liberalismo e democracia conduzem o mundo a uma profunda e prolongada depressão, tendo a crise irrompido, como sabemos, justamente no país que melhor traduzia a euforia capitalista do desenvolvimento e do progresso. A máscara do real dá lugar não só ao real, mas também ao real da máscara<sup>1</sup>. No ano seguinte, um trabalho especulativo sem dúvida muito diverso e relacionado a outros mecanismos econômicos é publicado em Viena com o título de *O mal-estar na civilização* (*Das Unbehagen der Kultur*).

Nesse ensaio, Freud reflete sobre o altíssimo preço que a espécie humana estaria pagando ao longo da persistente inflação da cultura, ou seja, reflete sobre o mal-estar aparentemente indissociável de nossa condição de deuses protéticos: seres tão mais faltosos e bárbaros quanto mais esclarecidos e repletos de suplementos técnicos impositivos. “Esforcei-me para manter distância do preconceito entusiasta segundo o qual nossa civilização é o que temos ou podemos ter de mais precioso, e sua trilha nos levará necessariamente a alturas de insuspeitada perfeição”, escreve Freud. O texto se encerra com linhas absolutamente contemporâneas

A meu ver, a questão decisiva para a espécie humana é saber se, e em que medida, a sua evolução cultural poderá controlar as perturbações trazidas à vida em comum pelos instintos humanos de agressão e autodestruição. Precisamente quanto a isso a época de hoje merecerá talvez um interesse especial. Atualmente os seres humanos atingiram um tal controle das forças da natureza, que não lhes é difícil recorrerem a elas para se exterminarem até o último homem. Eles sabem disso; daí, em boa parte, o seu atual desassossego, sua infelicidade, seu medo. Cabe agora esperar que a outra das duas “potências celestiais”, o eterno Eros, empreenda um esforço para afirmar-se na luta contra o adversário igualmente imortal. Mas quem pode prever o sucesso e o desenlace?<sup>2</sup>

Eis o cético diagnóstico feito nas vésperas da ascensão do nazifascismo. As esperanças são depositadas sobre a “potência celestial” chamada Eros, embora o signo que domine nessa aposta seja trágico: trata-se da possibilidade do enlace criativo, em direção, talvez, a uma vida

---

1 Cf. BADIOU, Alain. *Em busca do real perdido*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

2 FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas volume 18*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 122.

em comum, contra todas as garantias da destruição que, para além do princípio do prazer, segue em silêncio o seu contínuo trabalho.

Não deixa de ser significativo, nesse sentido, que Freud tenha começado seu ensaio respondendo a um amigo célebre, Romain Rolland, que em cartas fizera objeções ao texto *O futuro de uma ilusão* (1927), mais especificamente à apreciação da origem da religiosidade apresentada pelo psicanalista. Rolland sugeria – escreve Freud – que a religiosidade teria sua fonte num sentimento peculiar, uma “sensação de ‘eternidade’, um sentimento de algo ilimitado, sem barreiras, como que ‘oceânico’”<sup>3</sup>. Para Freud esse “sentimento oceânico”, de difícil comprovação em suas fontes subjetivas, teria os contornos mais precisos de uma consolação religiosa posterior (“ser-um com o universo”) para nosso desamparo ante as ameaças do mundo exterior. Numa descrição mais de acordo com a psicanálise, então, seria como o vestígio atrofiado e diferido de uma condição inicial da vida psíquica, em que o Eu abarcaria tudo, sendo assim “todo-abrangente” (e assim perigosamente narcisista); para depois, em idade madura, tornar-se apenas essa contraparte de um Eu muito mais limitado, distinto do mundo externo<sup>4</sup>.

Na década de 1930, Romain Rolland publicou sobre as vidas de Vivekananda e de Ramakrishna; Freud escreveu sobre a existência de um Moisés impuro. Entre eles, ao que parece, abre-se um limiar onde se encontram e se afastam duas vias de entendimento do mal-estar civilizacional. Ambos sob uma sombra densa e crescente, a ameaçadora sombra criada pelos holofotes do nazifascismo.

\*\*\*

Neste final de 2020, quando publicamos o número 27 da revista *outra travessia*, o mundo é outro e, em certo sentido, o mesmo. O recrudescimento das vozes autoritárias – vozes sempre recobertas pela máscara da democracia e da legalidade, como sabemos, quando não das identidades religiosas – dificulta qualquer experiência que se aproxime desse sentimento de *comunidade* todo abrangente, ilimitado, como propunha Rolland. Infelizmente, muito ao contrário disso, o que mais se afina com a imagem oceânica é hoje conhecido com o nome de *mercado global*, o que nos termos de Deleuze (e de Burroughs), em 1990, foi descrito como a *sociedade de controle*: uma sociedade marcada pelo fluxo virtualmente desimpedido, sob condição de que tais flutuações sejam ao mesmo tempo rigorosamente moduladas através de cifras, de senhas, de códigos, quer dizer, de imagens – em suma, uma sociedade ondulatória, que não à toa encontrou no *surf* – assinala o filósofo – o seu esporte mais característico<sup>5</sup>.

Mas Benjamin já propusera uma síntese muito pertinente. Trata-se do *capitalismo como religião*, agora praticado, de fato, sem fronteiras: máquina geradora de próteses que faz fluir a

---

3 Ibidem, p. 10

4 Ibidem, p. 13.

5 DELEUZE, Gilles. “*Post-scriptum* sobre as sociedades de controle”. In: \_\_\_\_\_. *Conversações: 1972-1990*. Tradução de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992, p. 219-226.

exploração, a culpa sem expiação e a destruição sem limites da natureza como a sua forma mais própria de ordenamento do mundo, das necessidades e das formas de vida. Claro, soma-se a essa acachapante ocidentalização do mundo uma pandemia também global, que condiciona a vida coletiva da humanidade a uma existência de distâncias, próxima apenas em desejos, virtualidades e mediações anestésicas, ou seja, uma situação emergente que condiciona a coletividade a uma existência entre-ilhas.

Em outras palavras, poderíamos dizer que qualquer gesto de resistência, de insistência, de existência, neste momento, passa, de um modo ou de outro, pela articulação de sensibilidades, de afetos, de corpos-ilha que, mesmo à distância, fazem suas tentativas de enlace crítico, presentificando suas apostas no comum e sabendo, poderíamos dizer, que o real do imperialismo planetário deve ser buscado fora do seu campo de formalização, como propõe Badiou: deve ser buscado na igualdade radical, justamente o ponto impossível do capitalismo neoliberal e o fundamento ausente das nossas instituições políticas.

São tentativas como essas que podemos ler no presente arquipélago. Nesta *outra travessia*, por meio das contribuições reunidas, seguimos poemas do escritor argentino Estanislao del Campo, em que o gênero *gauchesco* se confronta com o universo do teatro lírico, em meados do século XIX; acompanhamos as tensões críticas entre norma e desvio nas relações com a alteridade apresentadas por Cristovão Tezza e Giuseppe Pontiggia; avaliamos as possibilidades do grotesco na fatura do artista visual português Júlio Pomar; lemos em narrativas de João Gilberto Noll os impasses e as resistências de vidas em trânsito que são assediadas pelas formas da gestão biopolítica; vemos, entre a Broadway e Hollywood, a adaptação da pungente dramaturgia de Tennessee Williams se enfrentar com os proibitivos códigos que regiam o cinema dos Estados Unidos na metade do século passado; delineamos a complexa psicologia infantil de personagens de Ondjaki, situadas num bairro pobre, na periferia de Luanda, em meio a uma violenta guerra civil; investigamos, numa retomada de *Antígona*, as relações entre a privação do luto e as falhas das formas democráticas na modernidade; conhecemos, ainda, uma resenha do livro *Reading the World, the Globe, and the Cosmos: Approaches to Teaching Literature for the Twenty-First Century*, publicado em 2013 por Suzanne S. Choo; e finalmente, em tradução, somos conduzidos pelas imagens projetadas por um conto de Alberto Moravia.

\* \* \*

Sabemos que as vias da criação e da crítica são muitas. E sobretudo sabemos que, contemporaneamente, nenhuma resposta à altura dos nossos atuais desafios poderá ser sustentada com base na hegemonia dos cânones, na hierarquia dos valores ou na autonomia dos campos. Nesse sentido, todo caminho pode ser o caminho e toda travessia é travessia entre-ilhas.

...*Samsara*, um dos nomes para o eterno retorno, é igualmente o título de um belo filme – entre o *cult* e o *kitsch* – de Pan Nalin (2001). Perfazendo a via contrária de Siddhartha, um jovem monge iniciado na meditação desde a infância decide testar seu caminho abandonando

a vida monástica e dispendo-se aos prazeres e aos sofrimentos mundanos. No final da história, perdido em padecimento e diante de uma encruzilhada, o personagem reconhece uma pergunta gravada na face de uma pedra: “Como alguém pode impedir uma gota d’água de jamais secar?”. No verso da pedra, lê a resposta: “Atirando-a no oceano”.

Já o Borges de “La personalidad y el Buddha” (1950) preferia que a pedra atravessasse o espelho, estilhaçando-o em mil pedaços, e escrevia:

Na primeira vigília da noite, Siddhartha lembra os animais, os homens e os deuses que já foi, mas é errado falar de transmigrações de sua alma. Diferentemente de outros sistemas filosóficos do Hindustão, o budismo nega que existam almas. O *Milinda Panha*, obra apologética do século II, refere-se a um debate cujos interlocutores são o rei de Bactriana, Menandro, e o monge Nagasena; o monge raciocina que assim como a carruagem do rei não é nem as rodas, nem a caixa, nem o eixo, nem a lança, nem o jugo, o homem também não é a matéria, a forma, as impressões, as ideias, os instintos ou a consciência. Não é a combinação dessas partes nem existe fora delas.<sup>6</sup>

Esperamos que o arquipélago de textos que integram este número de *outra travessia* seja conjunto e diverso, tão abismal e oceânico quanto o são as derivas e disputas em torno da *arkebe*. Complementarmente, queremos agradecer a todos os colaboradores e colaboradoras que se dispuseram a enviar seus textos. Todas elas, e eles, trazem a esta publicação os caminhos, as pedras, os eixos, as lanças, os jugos, a matéria, a forma, as impressões, as ideias, os instintos, a consciência... São o navio e a carruagem, e também não são.

A equipe editorial  
Ilha de Nossa Senhora do Desterro,  
primavera-verão de 2020

---

<sup>6</sup> Tradução própria, a partir de: BORGES, Jorge Luis. “La personalidad y el Buddha”. In: \_\_\_\_\_. *Borges en Sur*. Buenos Aires: Emecé, 1999, p.35-40.